Vida Internacional

A questão das reparações--Germanos e latinos -- De como a Historia se repete

Ao fazer d'esta encontra-se o jornalista em grande hesitação. A situação internacional europeia está numa fase gravissima e tão melindrosa, que a paz e concordia entre as nações primazes do Velho Mundo depende talvez das conversações que agora se estão realisando entre as chancelarias, muito reservadamente, não vá o comentario das gazetas exasperar a questão e inutilisar todos os esforços de conciliação feitos.

Foi o caso, já conhecido do leitor, que a Alemanha, por clara sujestão do *Foreign Office*, fez em 7 do corrente novas propostas de reparações. O governo do *Reich* declara no seu *memorandum* que deitou novo e minucioso balanço aos recursos economicos do *Reich* e que as actuaes propostas representam um grande esforço de boa vontade.

Pagaria por anuidades, cujo montante seria fixado por uma comissão internacional e insuspeita de parcialidade. Como garantia oferecia caminhos de ferro do *Reich*, com todas as suas propriedades, instalações e rendimentos; o conjuncto da industria alemã (bancos, comercio, trafego, agricultura, etc.); o redito dos direitos aduaneiros sobre objectos de luxo considerados de consumo *(Genusmittel)* e das taxas de consumo sobre o tabaco, a cerveja, o vinho, o assucar, bem como os rendimentos do monopolio do alcool *(Bransitveinmonopol)*.

E a nota da *Wilhelme strasse* conclue alvitrando a reunião d'uma conferença, em que compareçam a Alemanha e as nações creadoras,

Estas propostas foram diversamente recebidas nas chancelarias aliadas. Em França, a impressão colhida nos meios publicos e politicos é abertamente pessimista.

A opinião e atitude do governo francez — dizia-se nos 14

circulos oficiaes — são conhecidas; constam da nota do *Quai d'Orsay* de 5 de maio, em resposta á primeira proposta de Berlim, e do comunicado da conferencia de Bruxelas datado de 6 de junho corrente. Ssgundo ficou bem expresso n'esses documentos— e já constava de reiteradas declarações governamentaes — a evacuação dos territorios ocupados só se fará par e passo com os pagamentos efectuados pela Alemanha a quaesquer negociações com o governo do chanceler Cuno só poderão iniciar-se depois de plenamente cessante a resistencia passiva e os atentados e actos de sabotagem que, de vez em quando, dificultam o funcionamento do complexo mecanismo da ocupação.

Ora o governo alemão nem sequer aludiu á resistencia passiva, signal evidente de que persiste no damnado intento de manter as ordens de não obediencia ás autoridades ocupantes, ha tempos dadas pelo chanceler Cuno. Alem d'isso oferece garantias que, dum momento para o outro, poderá tornar improductivas e não diz sequer como os marcos — papel dos rendimentos dos seus caminhos de ferro, taxas de consumo, etc., —se tranformarão em marcos-ouro, como para o caso se requer...

Todavia, para demonstrar boa vontade e provar quanto a ocupação obedecera unicamente ao proposito de cobrar as reparações, estava disposto a estudar de acordo com Londres e Bruxelas um plano de reparações... contanto que a base desse plano fosse o *memorandum* apresentado pelo sr. Poincaré na conferencia de Paris, em 2 de janeiro passado, e rejeitado pelos srs. Bonar Law e Mussolini!

Por sua vez os governos inglez e italiano declaravam que as propostas alemãs eram uma preciosa base de discussão e que urgia solver o complexo caso do Ruhr, que está prejudicando seriamente toda a vida economica europeia.

A não alusão á resistencia, que os francezes censuravam á nota alemã, era, pelo contrario, indicio manitesto de que o governo tudesco desistia da incitar os funcionários e a população do Ruhr á não obediencia e á sabotagem.

As intenções dos governos de Jorge V e de Victor Ma-

nuel III foram claramente formuladas pelos respectivos chefes.

Na sessão do senado italiano efectuada em 8 do corrente, o sr. Benito Mussolini expoz a atitude do seu governo com a maneira clara e desrebuçada, que caracterisa todos os actos do ardido *condottier* do fascismo.

Evidentemente a Alemanha tem que pagar, mas não o que a França pretende, que é excessivo e arruinaria a Alemanha, dando á primeira destas nações um predominio formidavel no continente europeu, com prejuizo e risco de todas as demais potencias. Quanto ao caso da Italia, esta tem que receber as reparações na proporção em que tiver que pagar as suas dividas de guerra.

Isto é, compendiado em poucas e comesinhas palavras, o que o sr. Benito Mussolini solemnemente disse em Montecitorio, no dia imediato ao da entrega da nota alemã...

Mais claras e peremptorias, embora menos oficiaes e menos solenes, foram as declarações do *Premier* britanico, sr. Stanley Baldwin, em Oxford, no dia 9, isto é, 48 horas depois de conhecedor das propostas alemãs.

A Inglaterra, até agora arredada da questão das reparações, n'uma atitude de benevola neutralidade para a França deve regressar á cooperação politica nas questões inter-europeias, sobrepondo-se ás nações em litigio, agindo como arbitro imparcial e implacavel na sua majestosa serenidade insular...

Alem disso o sr. Mac Kena, chanceler do *Exchequer*, está elaborando, segundo o *Pall-Mall Gazette*, um plano de reparações, propondo *uma acção independente da Gran Bretanha, para salvaguardar os interesses de todos os aliados.*

Não sei se vêem bem... — como diria o falecido conselheiro Dias Ferreira.

O governo belga, que havia tentado debalde, na conferencia de Bruxelas, conciliar as chancelarias de Londres e Paris, encontrou-se subitamente, por virtude da nota alemã, n'uma situação delicada e dificil, de que sahiu, aproveitando o primeiro pretesto da politica interna para apresentar ao Rei Alberto a sua demissão, que foi logo aceita.

16

E n'este ponto melindroso está a magna questão das reparações. Depois de tão alvoroçado rumor de vozes e comentarios, a questão começou subitamente a ser tratada em segredo, com uma reserva cheia de prudencias por, meio de notas trocadas entre Paris e Londres.

E ahi está porque, ao fazer d'esta, o cronista se encontra em serios embaraços para dizer algo sobre uma questão que atingiu a fase mais aguda e está sendo versada pelos interessados com a mais cautelosa reserva.

Se Paris e Londres não chegam a conciliar-se, é a ruina difinitiva da *Entente*, que resistiu ás agruras da guerra, mas não sobreleva aos egoismos da paz.

O antagonismo anglo-francez tornar-se-há publico e oficial e veremos talvez a questão do Ruhr solucionada por uma intervenção europeia, realisada contra a França. Seria isso uma tal victoria politica para a Alemanha, que a compensaria fartamente da derrota militar padecida n'aquele anno funebre de 1918.

E' curioso que, quasi cinco anos após a derrota, a Alemanha seja ainda o fulcro sobre que giram as mais graves questões europeias. Hoje, depois de tantas conferencias e comunicações, depois do esforço exgotante do Ruhr, a França encontra-se perante um devedor que não quer pagar e que provavelmente não pagará. Pelo menos não pagará os 62.400.000.000 marcos ouro estipulados em Londres e em Spa.

Jaques Bainville, o lucido cronista da *Action Française* sintetisava admiravelmente esta situação n'um belo artigo publicado no *Eclair de Montpellier*: *Trata-se de saber se teremos deante de nós uma Alemanha socialisada ou socialisante, que não pagará porque terá, como hoje, um deficit de milhares de biliões, ou uma Alemanha capitalista que terá as finanças equilibradas, mas que será forte e não pagará sem uma vigorosa pressão da parte dos seus credores.*

No fim de contas está complexa e exacerbada questão, não é mais que um episodio da lucta milenaria entre germanos e latinos.

E' preciso fazer mentalmente uma larga retrospecção historica, para se comprehender a magnitude d'uma refrega, cujo primeiro episodio de vulto ocorreu ha perto de 2.000 anos, nas florestas profundas da Germania, onde Varus perdeu as legiões romanas.

D'ahi em deante, pelos seculos fora, a lucta proseguiu com fortuna varia. Os romanos bateram os germanos e os germanos derrubaram o imperio. A monarquia franceza combateu tambem, com exito variavel, os feros teutões. Nos tempos modernos, Napoleão passeou a Alemanha á sua vontade, vencendo em Austerlitz, em Iena, em Eylau, em Friedland, em Eckmuhl, e em Wagram.

O grande Corso cahiu em 1815 e em 1870, 55 anos volvidos, a Prussia infligia á França a tremenda serie de derrotas, que puzeram fim ao segundo imperio. Menos de meio seculo transcorrido, as duas nações travam novamente das armas, cuja sorte d'esta vez foi desfavoravel á Germania. Parece que a altiva Teutonia ficon vencida. Os acontecimentos, porém, vão decorrendo de tal sorte, que ha razão para duvidar se, em ultima instancia, quem perderá a guerra não será a nação vencedora...

A verdade é que a raça germanica, apezar das perdas territoriaes sofridas, continua a ser no centro da Europa um bloco compacto, eminentemente prolifico, d'uma fecunda actividade e d'uma pertinaz energia de trabalho.

E as duas grandes raças que a comprimem — a latina e a slava — estão, uma dividida por interesses dispares e egoismos antagonicos e outra desordenada na mais estupenda anarchia de que os homens teem memoria.

Correia Marques.

"REVISTA PORTUGUESA,,
(edição semanal de critica)
anuncia a proxima sahida
de uma edição litteraria,
mensal, com o mesmo titulo
"REVISTA PORTUGUESA,,